



O “ERRE” CAIPIRA: ANÁLISE VARIACIONISTA DO ROTACISMO

Vera Maria Ramos Pinto¹
veramaria@uenp.edu.br

Thiago Leonardo Ribeiro²
thiagoleonardoribeiro@gmail.com

RESUMO: Quando ouvimos *pranta*, *sor* e *Cráudia* estamos diante de um processo de rotacização, transformação do *L* em *R* nos encontros consonantais. Esse fenômeno linguístico chamado *rotacismo* é uma tendência antiga e estigmatizada por ser característica de variedades não-padrão. Neste artigo, empreendemos uma análise variacionista do rotacismo, variação da consoante líquida /l/ em ataque complexo e em coda silábica nas palavras *eclipse/ecripse* e *sol/sor*, oriundas das respostas dadas às questões 23 e 33 do questionário usado para entrevistar os informantes do *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR), publicado em 1994, transcritas para as cartas fonéticas 138 e 152. Assim, objetivamos apresentar um estudo sob o ponto de vista fonético-fonológico e da variação, explicitando as ocorrências na fala de paranaenses e os principais fatores que contribuíram para que esse fenômeno se realizasse. Com a pesquisa, observamos, na fala dos paranaenses, a regularidade do fenômeno em ataque complexo mais acentuada do que o rotacismo em coda silábica. Com relação aos aspectos sociais, os dados apontam a escolaridade e a localidade como fatores influentes. A contribuição deste trabalho consiste na constatação de que a variação não é exclusiva dos falantes não escolarizados, de que o rotacismo tem explicação científica, ocorreu amplamente na história da língua portuguesa, e permanece na fala de determinadas comunidades.

PALAVRAS-CHAVE: Rotacismo; Análise variacionista; Atlas Linguístico do Paraná – ALPR.

RESUMEN: Cuando oímos *pranta*, *sor* y *Cráudia* estamos ante un proceso de rotacización, transformación del *L* en *R* en los encuentros consonanticos. Este fenómeno lingüístico llamado *rotacismo* es una tendencia antigua estigmatizada por ser característica de variedades no estándar. En este estudio, emprendimos un análisis variacionista del rotacismo, variación de la consonante líquida /l/ en ataque complejo y en coda silábica en las palabras *eclipse/ecripse* e *sol/sor*, oriundas de las respuestas dadas a las preguntas 23 y 33 del cuestionario usado para entrevistar a los informantes del Atlas Lingüístico de Paraná (ALPR), publicado en 1994, transcritas para las cartas fonéticas 138 y 152. Así, objetivamos presentar un estudio desde el punto de vista fonético-fonológico y de la variación lingüística explicitando las ocurrencias en el habla de paranaenses y los principales factores que contribuyeron a que ese fenómeno se realizara. Con la investigación observamos en el habla de los paranaenses la regularidad del fenómeno en ataque complejo, más acentuada que el rotacismo en coda silábica. Con respecto a los aspectos sociales, los datos apuntan a la escolaridad ya la localidad como factores influyentes. La contribución de este estudio es el hallazgo de que la variación no es aplicable sólo a los altavoces sin

¹ Professora adjunta do Centro de Letras, Comunicação e Artes - CLCA da Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP, *campus* Jacarezinho, Vice-líder do Grupo de Pesquisa *Leitura e Ensino* (CLCA-UENP/CJ) e doutora em Estudos da Linguagem pelo PPGEL da Universidade Estadual de Londrina - UEL. Contato: veramaria@uenp.edu.br

² Doutorando no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem - PPGEL da Universidade Estadual de Londrina - UEL. Integrante do Grupo de Pesquisa *Leitura e Ensino* (CLCA-UENP/CJ). Contato: thiagoleonardoribeiro@gmail.com



educación, que el rotacismo tiene explicación científica, ha producido ampliamente en la historia de la lengua portuguesa, y permanece en el habla de ciertas comunidades.

PALABRAS-CLAVE: Rotacismo; Análisis variacionista; Atlas Lingüístico de Paraná – ALPR.

1 Introdução

Existe, na língua portuguesa, uma tendência natural de transformar em *R* o *L* dos encontros consonantais [pl], [fl], [cl], [gl] e [bl] e em final de sílabas. Falar palavras como *pranta*, *frecha*, *craro*, *grobo*, *broco*, *sor*, *argum*, ao invés de *planta*, *flecha*, *claro*, *globo*, *sol*, *algum*, dizem que é fala de caipira, de pessoa matuta, sem instrução, sem escolarização.

Do ponto de vista linguístico, sabemos que essa transformação do *L* em *R*, ou seja, dizer *Cráudia*, ao invés de *Cláudia*, *paper*, ao invés de *papel*, não está de acordo com a gramática normativa ou com a norma padrão da língua, mas não é por isso que deve ser considerada errada ou, pior, ignorância de quem fala. Afinal, tudo pode ser explicado e compreendido cientificamente.

Estamos, assim, diante do fenômeno chamado rotacismo, um dos vários metaplasmos da língua portuguesa, que consiste no uso variável das consoantes líquidas /l/ e /r/. Mattoso Câmara (1970, p.40-41) define rotacismo como a “[...] realização de um rótico onde esperaríamos uma lateral, ou seja, a troca de uma líquida lateral por uma líquida vibrante [...]”. Rótico, na acepção da palavra, refere-se aos vários sons do /r/, que, no português brasileiro contemplam as produções retroflexa [ɾ], tepe/flepe [r], vibrante alveolar múltiplo [R], fricativo [X], constituindo uma classe de sons com diferentes modos de articulação.

Neste artigo, empreendemos uma análise variacionista do fenômeno do rotacismo, variação da consoante líquida /l/ em ataque complexo e em coda silábica, tendo, como *corpus*, registros de fala de 130 informantes que participaram das entrevistas realizadas pela equipe da professora Vanderci de Andrade Aguilera, de 1985 a 1989, em 65 municípios do Estado do Paraná, para a composição do *Atlas Lingüístico do Paraná* (ALPR), publicado em 1994.

As palavras analisadas, *eclipse/ecriipse* e *sol/sor*, são oriundas das respostas dadas pelos entrevistados, 65 homens e 65 mulheres, com faixa etária entre 30 e 60 anos, analfabetos ou semi-analfabetos, às questões 23 e 33, do questionário linguístico, transcritas grafematicamente para as cartas fonéticas 138 e 152 do ALPR.

Por meio dessa análise, objetivamos apresentar um estudo acerca do rotacismo, desde sua origem, a fim de compreender como se dá suas realizações, explicitando estas ocorrências, sob o ponto de vista fonético-fonológico e da variação linguística, com o propósito, também, de investigar a incidência do rotacismo na fala desses paranaenses e os principais fatores que contribuíram para que esse fenômeno ocorresse.

Escolhemos como corpus os informantes do ALPR, porque os dados de fala foram obtidos por meio de conversação gravada que, posteriormente, foi transcrita grafematicamente, o que contribui para a visualização e maior compreensão do fenômeno analisado e, também, devido a encontrarmos poucos trabalhos com base em dados autênticos da fala.

2 O fenômeno do rotacismo

A palavra rotacismo, no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009, p.1681), tem sua origem etimológica do latim científico *rhōtacismus*, derivado do grego *rhōtakizein* “usar demais ou erradamente a letra - r -”.

Nas duas primeiras acepções, vem com indicação de contexto (rubrica) da fonética, assim definido:

rotacismo *s.m.* (1874) **1** FON - mudança fonética que consiste na substituição de um som, esp. o [l] ou uma sibilante sonora, pelo [r] alveolar (p. ex., a mudança do [s] que ocorreu no latim na posição intervocálica: *flos*, “flor” [nominativo], e *flosem* > *florem* [acusativo]) **2** uso abusivo do som [r] .

E a terceira acepção, com indicação de contexto (rubrica) da foniatría, área da Medicina que estuda e trata as anomalias dos órgãos fonadores ou de perturbações da voz e da fala.

3 FONTR - troca do som [r] com outro som e/ou escrita da letra - r - indevidamente, no lugar de outra letra [devido a defeito ou conjunto de defeitos da fala, que consiste em substituir sistematicamente uma ou mais consoantes por outras, devido à dificuldade em articulá-las].

Já, no *Dicionário de Linguística e Gramática*, de J. Mattoso Câmara JR. (1981, p. 212), rotacismo tem a seguinte definição:

Mudança de /s/ entre vogais para /r/ dental. Foi uma lei fonética (v.) em latim arcaico. Por causa dela, uma série de nomes da 3ª declinação (v. declinações), neutros (v. neutro), apresentam radical diferente no nominativo e acusativo, sem vogal temática e sem desinência, em face de outros casos com desinência começando por vogal, onde /s/ do radical passou a /r/: *corpus* (lat. Arc. *corpos* - *corporis*). Isto explica as diferenças de radical entre o nome correspondente português e adjetivos derivados tirados do radical genitivo: *corpo* - *corporal*, *tempo* - *temporal*, *lado* - *lateral*.

Sendo assim, diante das definições dos dicionários, observamos que, quando definem rotacismo como mudança fonética, falam de mudanças que ocorreram no latim clássico, como exemplificado acima, ou na passagem do latim para o português.

Neste segundo caso, do latim para o português, as mudanças verificam-se nos grupos consonantais em posição inicial [pl], [fl] e [cl], [gl] e [bl] cujo [l] é, em muitos casos, substituído por [r] (ex.: *placere* > **prazer**; *fluxu* > **frouxo**; *blancu* > **branco**; *glute* > **grude**, etc.).

De acordo com Marroquim (1996, p. 29), “A passagem de /l/ a /r/ começou, com efeito, na formação do português: *platu(m)* > *prato*; *nobile (m)* > *nobre*; *blandu(m)* > *brando*; *regula(m)* > *regra*; *clavum* > *cravo*; *placere* > *prazer*; *fluxu* > *frouxo* [...]”. Em

todas as palavras latinas, observamos que o L dos encontros consonantais foi substituído, em português, por um R.

Segundo Bagno (2007, p.217), este é um processo de transformação do L em R dos encontros consonantais que começou a ser feito há muito tempo, entre os séculos XII e XVI, que nos chegaram da fase arcaica da língua, a exemplo dos versos retirados do poema épico mais importante da língua portuguesa, *Os Lusíadas*, de Camões, publicado em 1572:

- “E não de agreste avena, ou fruta ruda” (canto I, verso 5)
- “Doenças, frechas, e trovões ardente” (X, 46)
- “Era este inglês potente” (VI, 47)
- “Nas ilhas de Maldiva nasce a pranta” (X, 136)
- “Pruma no gorro, um pouco declinada” (II, 98)
- “Onde o profeta jaz, que a lei pubrica” (VII, 34).

Estes versos exemplificam algumas palavras escritas com o mesmo *R* presente na fala das pessoas que pronunciam palavras como: *fruta*, *frecha*, *inglês*, *pranta*, *probrema*, *grobo*, provando que existe, desde sempre, na língua portuguesa, uma tendência a transformar em *R* os *L* dos encontros consonantais, que o rotacismo não é um fenômeno novo.

Sendo assim, as pessoas que dizem *prástico*, *broco*, *praca*, *crínica*, *Cráudia* etc, conforme Bagno (2007, p. 218), estão simplesmente levando adiante essa tendência, presente na língua há muitos séculos.

Sabemos, entretanto, que o rotacismo é considerado um desvio ou desarticulação próprio da linguagem corrente, ou seja, é tendência do registro oral, que deve ser evitado, principalmente na escrita, pois, hoje, existem normas e convenções que devemos seguir.

Além do mais, existe uma relação deste fenômeno com o preconceito e a discriminação: o rotacismo é um fenômeno que se caracteriza em variedades não-padrão (sobretudo rurais) do Brasil e que, por isso, recebe uma forte carga de estigmatização, isto é, sofre um grande preconceito por parte dos falantes das variedades urbanas.

Por isso, é importante e necessário que façamos o exame do português falado no momento presente para o entendimento de um fenômeno que, anteriormente, fazia parte do português padrão, pois era falado pela elite sociocultural e, agora, faz parte do português não-padrão, pois é usado pelos falantes considerados desprestigiados e, com isso, adquire caráter de um fenômeno estigmatizado.

O fenômeno do rotacismo, de fato, está condicionado por fatores de natureza linguística como a posição da consoante líquida lateral /l/ na sílaba, em coda silábica e em ataque complexo, fatores analisados nesse trabalho; como também pode estar condicionado a fatores de natureza social, tais como sexo, faixa etária e escolaridade.

3 As consoantes /l/ e/r/ sob os ponto de vista fonético-fonológico

Sob o ponto de vista da Fonética, ciência que apresenta os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles sons utilizados na linguagem humana, “[...] as consoantes /l/ e /r/, no que diz respeito ao lugar de articulação, são muito próximas, o que causa semelhanças entre elas (SILVA, 2012, p. 23). Ambas são alveolares e, tendo os alvéolos como articulador passivo, são pronunciadas com a ponta da língua tocando os alvéolos dos dentes, ou seja, o local em que os dentes estão implantados.

Quanto à maneira ou modo de articulação, a consoante /l/ é lateral e a consoante /r/ é vibrante. Por isso, na literatura linguística, são designadas como consoantes líquidas. Assim, chamam-se *líquidas* ao grupo que engloba as consoantes *vibrantes* e as consoantes *laterais*, devido ao modo de articulação e por ambas terem alguma relação com as vogais.

Como exemplo, podemos citar a palavra **legal**. Podemos notar diferenças entre o l inicial e o l final, de tal modo que muitos falantes da Língua Portuguesa dizem: [legau], [portugau] e [braziu]. Estes exemplos demonstram que o som da consoante [l] está muito próximo da vogal [u], em fim de sílaba.

A esse respeito Cunha e Cintra (1985, p.43) afirmam:

Do ponto de vista acústico, as consoantes LATERAIS e VIBRANTES têm em comum um traço que as opõe a todas as outras consoantes: a sua maior proximidade dos sons vocálicos, o que, em certas línguas, chega a ponto de poderem servir de centro de sílaba. Esta qualidade, reconhecida desde tempos antigos, trouxe-lhes as denominações LÍQUIDAS ou SOANTES. A fonética moderna atribui-lhes o traço distinto [+ soantes]. Acresce salientar que, pelo caráter lateral de sua articulação, [l] e [ʎ] opõem-se às vibrantes [r], [r̄] ou [R]. Esta diferença explicita-se pela indicação [+ LATERAL] para [l] e [ʎ], que contrasta com a de [- LATERAL] para as vibrantes [r], [r̄] ou [R].

Vale lembrar que as consoantes LATERAIS são caracterizadas pela passagem da corrente expiratória pelos dois lados da cavidade bucal, em virtude de um obstáculo formado no centro desta pelo contato da língua com os alvéolos dos dentes ou com o palato; e as consoantes VIBRANTES, pelo movimento vibratório rápido de um órgão ativo elástico (a língua ou o véu palatino), que provoca uma ou várias brevíssimas interrupções da passagem da corrente expiratória. Essas consoantes são comumente descritas da seguinte forma:

Quadro 1 - /l/ e /r/ segundo a fonologia clássica

	/l/	/r/
Ponto de articulação	Alveolar	Alveolar
Modo de articulação	Lateral	Vibrante
Ressonância	Oral	Oral
Vibração laríngea	Sonora	Sonora

Fonte: Cox e Assad (1999)

Na leitura desse quadro, segundo as autoras, fica evidente que as consoantes /l/ e /r/ diferem apenas quanto ao modo de articulação. Enquanto a primeira é lateral, a



segunda é vibrante simples. Quanto ao papel da cavidade bucal e das cordas vocais, ambas são orais e sonoras, respectivamente.

Sob o ponto de vista fonológico, as consoantes /l/ e /r/ são fonemas distintos do português, pois podem ser contrastados em ambiente idêntico. Aplicando o método de identificação de um fonema, por meio do princípio da comutação a pares mínimos idênticos ou análogos de palavras (SILVA, 2012, p.135), iremos observar que a troca da consoante /l/ pela consoante /r/ implica em mudança de significado, a exemplo das palavras citadas por Assad e Cox (2008): /Atlas/ > /a'tras/; /mal/ (advérbio) > /mar/ (substantivo).

4 As consoantes /l/ e /r/ do ponto de vista sociolinguístico

Para a Sociolinguística, toda língua humana é heterogênea por sua própria natureza. E “[...] esta heterogeneidade é inerente a todo sistema linguístico e não é aleatória, mas ordenada por restrições linguísticas e extralinguísticas. E são essas restrições que levam o falante a usar certas formas quando faz uso da língua” (BAGNO, 2007, p.57).

Essa concepção de língua, como um sistema heterogêneo, tem importantes implicações, porque coloca a “[...] variação linguística como escopo dos estudos sociolinguísticos, mostrando que, debaixo do guarda-chuva chamado língua, no singular, abrigam-se diversos dos recursos expressivos que estão à disposição dos falantes” (BAGNO, 2007, p. 39).

Assim, a variação ocorre em todos os níveis da língua, variação morfológica, variação sintática, variação semântica, variação lexical, variação estilístico-pragmática e a variação fonético-fonológica, para a qual daremos destaque.

A variação fonético – fonológica acontece quando uma palavra é pronunciada de diversos modos, seja pelo acréscimo, decréscimo ou substituição/troca de um fonema.

As consoantes /l/ e /r/, em se tratando de variação linguística, também se assemelham, pois, há, no nível fonético- fonológico, vários processos de variação dos

fonemas /l/ e /r/, condicionados, principalmente, por fatores sociais, como a região geográfica em que nasceu e reside o falante. Assim, temos as variações diatópicas e as variedades linguísticas ou dialetais.

Desse modo, conforme Cox e Assad (1999), dependendo da região, o fonema /l/, em posição pós-vocálica, apresenta vários alofones:

- O fonema /l/ realiza-se como / ɫ /, uma lateral velarizada, em variedades linguísticas faladas no Sul do país, principalmente nas cidades de interior de colonização alemã e italiana. Ex.: /'sol/ > ['sɔɫ]; / 'golpe/ > ['gɔɫpe].
- O fonema /l/ realiza-se como [w], semivogal posterior em praticamente todas as variedades linguísticas brasileiras, exceto as faladas no Sul, onde acontece o fenômeno da vocalização. Ex.: /'sol/ > ['sow]; / 'golpe/ > ['gowpe].
- Também, nesta posição pós-vocálica, está sujeito ao fenômeno do rotacismo, realizando-se como [r], vibrante simples alveolar, em variedades linguísticas consideradas de menos prestígio, principalmente na fala de pessoas com menos escolaridade ou que residem em algumas regiões onde se fala o chamado “dialeto caipira” (interior de São Paulo, sul de Minas Gerais, incluindo, neste contexto, os moradores das zonas rurais). Ex.: /'sol/ > ['sor]; / 'golpe/ > ['gorpe].

O fonema /l/, quando funciona como uma segunda consoante pré-vocálica nos encontros consonantais tautossilábicos, quando há o encontro de duas consoantes na mesma sílaba, está sujeito, também, ao fenômeno do rotacismo, conforme já explicitamos em tópicos anteriores.

Hoje, o rotacismo em encontros consonantais tautossilábicos é característico das variedades estigmatizadas de todo o Brasil. Pertence ao português não-padrão. Ex.: /'Klaro/ > ['Kraru]; /'plaka/ > ['praka].

Já o fonema /r/, em posição pós-silábica, apresenta as seguintes variações fonéticas:

- O fonema /r/ pode se realizar como [ɹ], uma vibrante retroflexa, variedade típica na pronúncia dos falantes da região de Piracicaba / SP. Ex.: / 'Karta/ > ['Kaɹta].
- O fonema /r/ pode se realizar como [X], uma fricativa velar, pronúncia típica do dialeto carioca. Ex.: / 'Karta/ > ['KaXta].
- O fonema /r/ pode ser realizado, também, como [r] uma vibrante dental. Fone intermediário entre o retroflexo [ɹ] e o tepe ou vibrante simples [r], pronúncia bastante comum no português falado em Portugal. Ex.: /'Karta/ > ['Karta].

O fonema /r/ pode ser suprimido, sofrer apócope no final da palavra. Essa ocorrência é bastante ouvida em todas as variedades do português falado no Brasil, quando usadas em registro coloquial. Ex.: /pa'gar/ > [pa'ga].

O fonema /r/ pode, ainda, ser realizado como /l/. Esse fenômeno é chamado lambdacismo traca do fonema vibrante simples [r] pelo fonema /l/. Cox e Assad (1999) afirmam que “[...] esse fenômeno costuma ocorrer entre falantes com menos escolaridade, como forma de hipercorreção. Ex.: /'garfo/ > ['galfo]”.

Desse modo, a língua, por ser heterogênea, manifesta-se de modo variável dentro de uma mesma comunidade de fala, pois pessoas, com características diferentes, expressam-se de maneiras diferentes. Essas variações podem ocorrer em todos os níveis da fala e são decorrentes de vários fatores sociais como a origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho e redes sociais do falante.

Em nosso estudo, então, analisamos o fenômeno do rotacismo, com base na pronúncia dos vocábulos *eclipse* e *sol*, falados por 130 pessoas, sendo um homem e uma mulher de cada um dos 65 municípios que integram as cartas geolinguísticas do *Atlas Linguístico do Paraná*.

Para a análise, consideramos fatores sociais (extralinguísticos) como a escolaridade, a idade, o sexo e a localidade, e um fator linguístico, a posição da consoante líquida lateral /l/ na sílaba, em coda silábica e em ataque complexo.



5 Fatores extralinguísticos de variação

Dentre os muitos possíveis fatores sociais (extralinguísticos) que podem auxiliar na identificação dos fenômenos de variação linguística, destacamos: a variação de ordem geográfica, grau de escolarização, idade e gênero.

A variação decorrente da *origem geográfica*, segundo Bagno (2007), é porque a língua varia de um lugar para o outro. Exemplo comum é a fala característica das diferentes regiões brasileiras, dos diferentes estados, de diferentes áreas geográficas dentro de um mesmo estado etc., outro fator importante, mencionado pelo autor, é a origem rural ou urbana da pessoa.

Quanto à *idade*, Bortoni-Ricardo (2004) chama de grupos etários e diz que são as diferenças sociolinguísticas intergeracionais “os avós falam diferente dos filhos e dos netos etc.” (p. 47).

Gêneros diz respeito à diferença no modo de falar do homem e da mulher “[...] essas variações entre repertórios masculino e feminino são relacionadas aos papéis sociais que, conforme já aprendemos, são culturalmente condicionados (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 47).

O *grau de escolarização* é outro fator de muita influência na maneira de falar das pessoas. As escolas e o tempo frequentado pelo indivíduo influencia em seu repertório linguístico, pois, ao permanecer mais tempo na escola, o indivíduo tem maior contato com os gêneros textuais.

6 O Atlas Linguístico do Paraná – ALPR

A dialetologia e geografia linguística da língua portuguesa ganharam muito com a publicação do quinto atlas linguístico regional do Brasil: o *Atlas Linguístico do Paraná*.

Este atlas, resultado da tese de doutorado de Vanderci de Andrade Aguilera, foi publicado em 1994, e teve como objetivo cartografar as variantes lexicais, as variantes fonéticas, a delimitação de isoglossas e a organização de um glossário, o qual não foi apresentado no momento da publicação do ALPR, para ampliação e revisão dos itens lexicais pela autora (ALTINO, 2005).

Para a realização dessa pesquisa, Aguilera definiu 65 pontos linguísticos, localidades do Estado, a partir da sugestão de Antenor Nascentes (1958, p.21), e fez adaptações “levando- se em conta fatores ento-geo-históricos de cada um, aí incluindo a data de fundação” (AGUILERA, 1998, p. 108).

As localidades foram numeradas de 1 a 65, dispostas no sentido oeste-leste e do norte para o sul.

Quadro 2 – Rede de Pontos do ALPR (nº do ponto e localidade)

1- Diamante do Norte	17-São Jerônimo da Serra	33- Assis Chateaubriand	49- Dois Vizinhos
2- Santo Inácio	18- Ibaiti	34- Campina da Lagoa	50- Laranjeiras do Sul
3- Primeiro de Maio	19- Siqueira Campos	35- Manoel Ribas	51- Guarapuava
4- Bandeirantes	20- São José da Boa Vista	36-Castro	52- Irati
5-Cambará	21- Umuarama	37- Cerro Azul	53- Palmeira
6- Jacarezinho	22-Cruzeiro do Oeste	38- Adrianópolis	54- Curitiba
7- Loanda	23- Peabiru	39- Cascavel	55-Paranaguá
8- Paranaíba	24- São Pedro do Ivaí	40-Guaraniaçu	56- Barracão
9- Maringá	25- Ortigueira	41-Pitanga	57-Francisco Beltrão
10-Jaguapitã	26-Jaguariaíva	42- Prudentópolis	58- Pato Branco
11- Londrina	27- Guairá	43- Ponta Grossa	59-Mangueirinha

12- Jataizinho	28- Goio-erê	44- Rio Branco do Sul	60- Palmas
13- Ribeirão do Pinhal	29- Campo Mourão	45- Antonina	61- União da Vitória
14- Querência do Norte	30- Ivaiporã	46- Guaraqueçaba	62- São Mateus do Sul
15- Cianorte	31- Tibagi	47- Foz do Iguaçu	63- Lapa
16- Apucarana	32- Marechal Cândido Rondon	48- Capanema	64- Rio Negro
			65- Guaratuba

Fonte: Atlas Linguístico do Paraná (1994)

Definidos os pontos, Aguilera contou com uma equipe de pesquisadores, formada por alunas do curso de Letras, docentes do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Com a equipe formada, foram estabelecidos os critérios para a seleção dos informantes, baseados em Nascentes (1958) e na Dialectologia tradicional, que postulam a necessidade da boa dicção, saber responder com desembaraço, entre outros. A estes critérios, a equipe de Aguilera acrescentou alguns dos conceitos da Geolinguística, contemplando, além da dimensão diatópica, a diassexual (THUN, 1998).

Conforme Altino (2005), em cada ponto linguístico, os informantes foram selecionados, atendendo ao seguinte perfil:

- Nível de instrução: foram entrevistados informantes com baixa ou nula escolaridade, a fim de se obterem dados mantidos na fala dos moradores sem a influência da escola.
- Tempo de residência, profissão e relacionamentos: os informantes deveriam morar na localidade, preferencialmente desde o nascimento; ou ter vivido nela a maior parte de sua vida, relacionar-se quase que integralmente com pessoas



nascidas na localidade, ser ou ter sido agricultor, não ter viajado e, quando homem, não ter feito o serviço militar.

- Faixa etária: de 30 a 60 anos.
- Sexo: em cada localidade foram entrevistados um homem e uma mulher.

Foram entrevistados 130 informantes, dois em cada um dos pontos estudados, cujos dados pessoais constam das fichas dos informantes. Os inquéritos foram realizados entre 1985 e 1989.

A elaboração do instrumento de coleta de dados foi norteadada pelo questionário do *Atlas Linguístico do Estado do São Paulo - ALESP*, de autoria de Caruso (1994), analisado e adaptado pela pesquisadora quanto ao elenco dos conceitos e ao modo de formulação das questões para o ALPR.

A metodologia utilizada pelos pesquisadores foi a da entrevista estruturada com perguntas, em sua maioria, indiretas – método onomasiológico, que abordava questões linguísticas e as implicações sócio-históricas concorrentes. A exemplo de outros Atlas, quando não se obtinha resposta dos informantes, a pesquisa previa o teste de identificação direta ao final da entrevista (ALTINO, 2005).

Estes questionários estruturados são considerados de grande importância para pesquisa dialetológica. Seu uso permite a homogeneização dos procedimentos de coleta de dados necessária à pesquisa dentro dos moldes científicos, restringindo os contextos de uso de determinados fonemas, por exemplo, ou permitindo a identificação do uso lexical.

Para a realização das entrevistas foram utilizados gravadores portáteis Sanyo M-1660-F e Panasonic-RQ 2234, cassete movido a corrente alternada e pilhas, com microfone acoplado; fitas cassete de sessenta minutos, marca Basf, e posteriormente, Scotch e TDK.

Assim, o registro do *corpus* coletado foi transcrito grafematicamente segundo alguns critérios: i) transcrição grafemática da fala do informante com marcações de elementos de linguagem oral, como superposições, ruídos, truncamentos, comentários



do inquiridor, pausas, etc.; ii) a fala do inquiridor foi transcrita de acordo com a norma padrão, dentro das convenções ortográficas, independentemente das realizações efetivamente ocorridas, já que não há interesse em estudar o desempenho linguístico do inquiridor; iii) transcrição fonética seguiu o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), com algumas adaptações exigidas pela utilização da máquina de datilografia IBM.

Aguilera (1994), após as transcrições, iniciou com os mapas. Desse modo, foram confeccionadas 162 cartas lexicais, 19 cartas isolexicais e 10 cartas isofônicas (no verso das quais são acrescentadas notas explicativas suficientemente concisas e claras), além de 6 cartas anexas com a indicação do progresso do povoamento do Paraná nos séculos XVII, XVI e XVIII, XVII a XIX, entre 1900 e 1920, entre 1900 e 1940 e entre 1900 e 1960. No total, são 203 cartas coloridas (6 + 191 + 6), no formato de 31 cm por 42 cm e em excelente qualidade técnica.

Quanto às notas explicativas que Aguilera (1996) registrou no verso de cada carta linguística, deixa claro:

Os objetivos da redação das notas são: apresentar o vocábulo-tema e suas variantes dentro do contexto fônico e frasal no registro dos informantes; documentar as crendices, superstições, simpatias e outros costumes populares que ainda sobrevivem na memória de alguns; esclarecer dados omitidos e/ou dados registrados na carta; e sobretudo apresentar dados que possam suscitar interesse para estudos de natureza etnográfica, morfossintática, lexicográfica e folclórica, entre outros (AGUILERA, 1996,p. 166).

Com a publicação do *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR), Aguilera inventaria as formas linguísticas de maneira a fornecer uma visão panorâmica da linguagem no Estado do Paraná.

A seguir, apresentamos estudo das realizações fonéticas da consoante líquida /l/ em posição de coda silábica e ataque complexo, nas palavras *sol e eclipse*, registradas nas cartas 138 e 152 do *Atlas Linguísticos do Paraná*, proferidas por 130 informantes, 65 homens e 65 mulheres.



7 O rotacismo em cartas do ALPR: descrição e análises

7.1 Metodologia

Para a análise do fenômeno do rotacismo, conforme já mencionamos acima, escolhemos duas cartas fonéticas do *Atlas Linguístico do Paraná*, a carta 138, que traz a resposta da pergunta 23, do questionário linguístico, tópico I Terra, cuja resposta é *sol* e a carta 152, que traz a resposta para a questão 33, com base nos semas ‘escurecer de dia’, ‘lua tapando o sol’, que é *eclipse*.

Para o estudo, tomamos os dados documentados nas 65 localidades que constituem a rede de pontos do *Atlas Linguístico do Paraná*. Em cada ponto linguístico, foram entrevistados dois informantes, um homem e uma mulher, selecionados de acordo com os critérios da dialetologia tradicional: faixa etária entre 30 e 60 anos, analfabeto ou semi-alfabetizado, nascido na localidade sem dela ter se afastado por muito tempo, filhos de pais da mesma comunidade.

As cartas analisadas estão compostas da seguinte forma (AGUILERA, 1996, p.163):

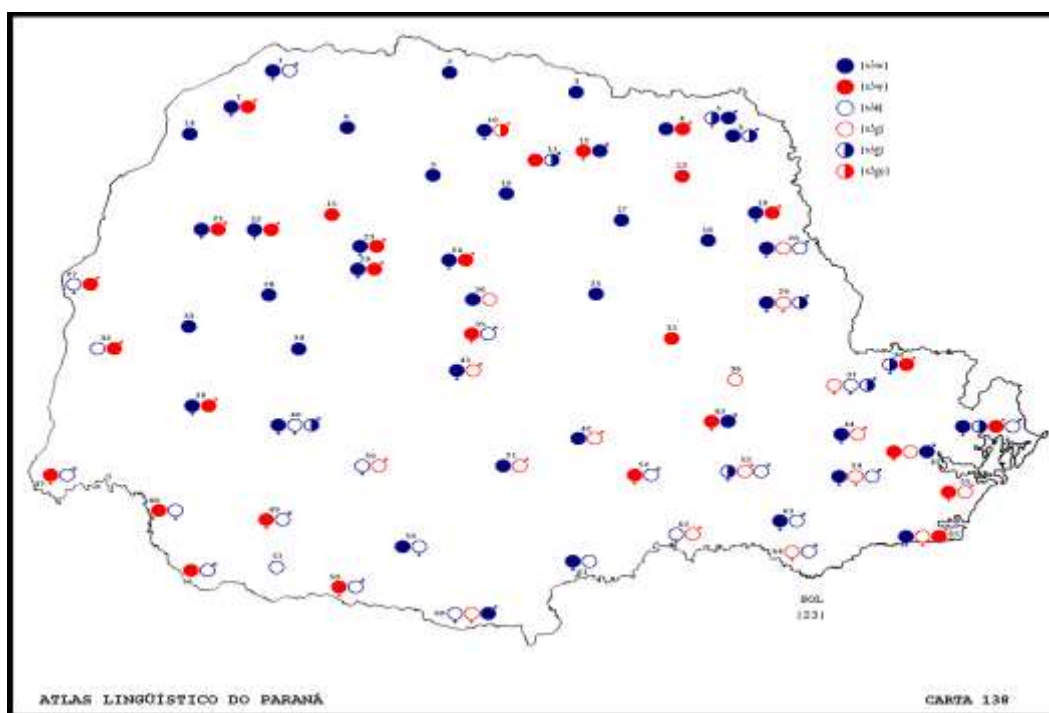
- parte superior direita: convenções e ocorrências fonéticas em ordem decrescente;
- parte inferior direita: tema da carta, número da pergunta no questionário;
- rodapé: à esquerda, título da obra; à direita, número da carta.

Inicialmente, fizemos um levantamento do número de ocorrências do /l/ em coda silábica na carta 138, e do /l/ em ataque complexo na carta 152; em seguida, verificaremos o número de ocorrências desses fenômenos de rotacismos entre homens e mulheres, para depois, então, buscarmos, entender essas ocorrências e explicá-las à luz da teoria variacionista.

7.2 Carta 138: sol

Para a convenção, usam-se apenas os círculos: cheios, semi-cheios em várias posições, vazios, hachurados, pontilhados, nas cores vermelha e azul. Ainda, segundo a pesquisadora, a disposição desses símbolos, no interior da carta, foi feita a partir da esquerda para direita, registrando-se na sequência a fala da informante feminina, seguida do registro masculino. Quando as formas não são coincidentes, são identificadas pelos sinais (♀) para o feminino e (♂) para o masculino. As formas coincidentes não são marcadas.

Figura 1 - Carta 183 do ALPR



Fonte: Atlas Lingüístico do Paraná (1994)

Na realização do rotacismo na palavra /'sol/ > ['sor] na fala dos 130 informantes que fizeram parte da constituição do banco de dados do ALPR, há registros de 17 (26,15%) ocorrências na fala de homens e 14 (21,53%) ocorrências na fala de mulheres,

distribuídos de forma bem diversificada pelo interior do Paraná, conforme o quadro a seguir, totalizando 31 ocorrências (23,84%).

Quadro 3 – registro do rotacismo em /‘sol/ por localidade x sexo

Localidade	H	M	Localidade	H	M	Localidade	H	M
1- Diamante do Norte			23- Peabiru			45- Antonina		
2- Santo Inácio			24- São Pedro do Ivaí			46- Guaraqueçaba		X
3- Primeiro de Maio			25- Ortigueira			47- Foz do Iguaçu		
4- Bandeirantes			26- Jaguariaíva	X	X	48- Capanema		
5- Cambará		X	27- Guairá			49- Dois Vizinhos		
6- Jacarezinho	X		28- Goio-erê			50- Laranjeiras do Sul	X	
7- Loanda			29- Campo Mourão			51- Guarapuava	X	
8- Paranaíba			30- Ivaiporã	X	X	52- Irati		
9- Maringá			31- Tibagi			53- Palmeira	X	X
10- Jaguapitã			32- Marechal Cândido Rondon			54- Curitiba		X
11- Londrina	X		33- Assis Chateaubriand			55- Paranaguá	X	
12- Jataizinho			34- Campina da Lagoa			56- Barracão		
13- Ribeirão do Pinhal			35- Manoel Ribas			57- Francisco Beltrão		
14- Querência do Norte			36- Castro	X	X	58- Pato Branco		
15- Cianorte			37- Cerro Azul	X	X	59- Mangueirinha		
16- Apucarana			38- Adrianópolis		X	60- Palmas		X
17- São Jerônimo da Serra			39- Cascavel			61- União da Vitória		
18- Ibaiti			40- Guaraniaçu	X		62- São Mateus do Sul	X	
19- Siqueira Campos			41- Pitanga	X		63- Lapa		
20- São José da Boa Vista	X	X	42- Prudentópolis	X		64- Rio Negro		X

Quando há uma forma coincidente para ambos e uma exclusiva para apenas um deles, registrou-se, em primeiro lugar, a forma comum, separada por barra vertical e transcreveu-se a forma exclusiva, identificada por A ou B, conforme fosse da mulher ou do homem, respectivamente. (AGUILERA, 1996),

Ademais, havendo uma forma comum e uma, ou várias, para cada um dos informantes, a forma comum aparece em primeiro lugar, separada por barra vertical, com as transcrições das realizações exclusivas da informante feminina (A) separada por ponto e vírgula, isolada por outra barra, e, finalmente o registro do informante masculino (B), separado por ponto e vírgula quando mais de um.

E, quando há várias formas exclusivas de um só informante, registraram-se as formas separadas por ponto e vírgula, indicando A ou B, segundo o caso. E, para as várias formas exclusivas de cada informante, foi registrado as formas da informante feminina, separadas por ponto e vírgula, isolada por barra e transcritas as formas do informante B, também separadas por ponto e vírgula entre si.

Quadro 4 – registro do rotacismo em /e'clipse/ por localidade x sexo

Localidade	H	M	Localidade	H	M	Localidade	H	M
1- Diamante do Norte			23- Peabiru	X	X	45- Antonina		
2- Santo Inácio			24- São Pedro do Ivaí	X		46- Guaraqueçaba		
3- Primeiro de Maio	X		25- Ortigueira	X		47- Foz do Iguaçu	X	
4- Bandeirantes			26- Jaguariaíva	X	X	48- Capanema		
5- Cambará	X	X	27- Guairá			49- Dois Vizinhos	X	X
6- Jacarezinho	X	X	28- Goio-erê	X		50- Laranjeiras do Sul	X	X
7- Loanda			29- Campo Mourão	X		51- Guarapuava		X
8- Paranaíba	X	X	30- Ivaiporã		X	52- Irati	X	
9- Maringá	X	X	31- Tibagi			53- Palmeira	X	
10- Jaguapitã	X	X	32- Marechal Cândido Rondon			54- Curitiba		

11- Londrina		X	33- Assis Chateaubriand	X	X	55-Paranaguá	X	X
12- Jataizinho	X		34- Campina da Lagoa	X	X	56- Barracão		
13-Ribeirão do Pinhal	X	X	35- Manoel Ribas		X	57-Francisco Beltrão		X
14- Querência do Norte	X	X	36-Castro			58- Pato Branco		X
15-Cianorte	X	X	37- Cerro Azul			59-Mangueirinha		X
16- Apucarana	X		38- Adrianópolis		X	60- Palmas	X	X
17-São Jerônimo da Serra	X	X	39- Cascavel	X	X	61-União da Vitória	X	X
18- Ibaiti	SR	SR	40-Guaraniaçu	X	X	62- São Mateus do Sul		
19- Siqueira Campos	X	X	41-Pitanga	X		63- Lapa		
20- São José da Boa Vista	X	X	42- Prudentópolis	X		64-Rio Negro		
21- Umuarama	X		43- Ponta Grossa		X	65-Guaratuba	X	X
22-Cruzeiro do Oeste	X	X	44- Rio Branco do Sul					

Fonte: próprios autores

Na carta 152, o fonema /l/ em ataque complexo /ɾ/, na palavra /e'clipse/ > [e'Kripse], pode ser observado na registro da fala de 36 homens (55.38%) e no da fala de 34 mulheres (52.30%). Vale mencionar que não levamos em consideração na análise as outras transformações fonéticas (metaplasmos) ocorridas como aférese (supressão de fonema no início da palavra), apócope (supressão de fonema no final da palavra) e assimilação (alçamento do fonema 'e' em 'i'), para citar algumas. Ex.: ['Kripi]; [e'Kripis].

Dos 130 informantes, entre homens e mulheres, o total de ocorrências para do fonema /l/ em ataque complexo na palavra eclipse foi de 70 (53,84%).

7.4 Análise sob o ponto de vista linguístico e extralinguístico das ocorrências para ['sor] e [e'kripse]

Em nosso estudo, sob o ponto de vista linguístico, por meio da análise dos dados de fala das palavras [sor] e [eklipse] transcritos nas cartas fonéticas 138 e 152, verificamos que a posição da consoante líquida lateral /l/ em ataque complexo foi mais produtiva do que em coda silábica. As realizações [e'kripsi], nas 65 localidades investigadas, foram mais recorrentes do que a realização de ['sor].

Isso pode ser justificado devido ao fato de ser bastante frequente a permuta do fonema [l] – lateral alveolar vozeado – pelo [r] – tepe alveolar vozeado – quando temos o encontro consonantal com o fonema [k] – oclusiva velar desvozeado.

Nascentes (1953), baseado em pesquisa empreendida no Rio de Janeiro na década de 50, afirma que, em relação à língua falada, a variante /l/, em coda silábica, na classe menos escolarizada passa a /r/.

Já Marroquim, a esse respeito, explica que a permuta ocorre por uma questão de comodidade fonético-fonológica: “É mais razoável que haja incapacidade do aparelho de fonação: menor esforço, isso sim. Nos grupos silábicos em que o /l/ fica solto, a sua pronúncia requer uma ginástica da língua, de real dificuldade ainda entre gente culta” (1996, p. 30).

E, com relação à variante /l/ em ataque complexo, Nascentes também faz uma importante consideração no tópico “Consoante seguida de l muda em r”, para ele, dentro dos grupos consonânticos, “tal como na passagem do latim para o português. lat. *blandu* – brando, *clavicula* – cravelha [...] A consoante mais vizinha da vibrante l é a vibrante r” (NASCENTES, 1953, p. 53). Além disso, Nascentes alude à influência do tupi: “O tupi não tinha o som lê, mas possuía o rê (r brando). Era natural que se trocasse o lê pelo rê” (*op.cit*).

Sob o ponto de vista extralinguístico, levando em consideração o nível de escolaridade dos 130 informantes, analfabetos e semi-analfabetos, podemos considerar que esse é um dos motivos pelo qual os 23,84% deles tendam a pronunciar o fonema /l/ na posição pós-vocálica como [r], vibrante simples alveolar, no caso /'sol/ em ['sor], e 53.84% dos informantes, em ataque complexo, /e'klipse/ > [e'kripsi].

Segundo Aguilera (1998, p.111), dos 130 informantes que foram entrevistados pela equipe do Projeto do ALPR, apenas quatro (3%) deles tinham o primário completo, 36 (27.70%) tinham primário incompleto, 13 (10%) o MOBREAL e 77 (59.30%) eram analfabetos. Ou seja, mais de 50% dos informantes não tinham escolaridade, não sabiam ler nem escrever.

Diante disso, concordamos com a assertiva de Bagno (2007, p.44) ao mencionar que

pesquisas empreendidas no Brasil têm mostrado que o fator social de maior impacto sobre a variação linguística é o grau de escolarização que, em nosso país, está muito ligado ao *status* socioeconômico, uma vez que a escola de qualidade e a possibilidade de permanência mais prolongada no sistema educacional são bens sociais limitados às pessoas de renda econômica mais elevada.

Em se tratando da variação de gênero (diassexual ou diagenérica), Bagno (2007, p.44) afirma que “homens e mulheres fazem usos diferenciados dos recursos que a língua oferece”. Isso porque há convenções de o sexo feminino utilizar com mais frequência a forma de prestígio, por ser mais conservador e sensível às instruções da escola (MOLLICA, 1996). No entanto, esta variável é complexa.

Em nosso trabalho, ao cruzarmos a variável social sexo com a variável faixa etária, constatamos que a diferença de ocorrências do processo de rotacização em ataque complexo [e'kriipse] e em coda silábica [sor] entre homens e mulheres é muito pequena. A diferença é de 3,084% em ataque complexo e de 4.62% em coda silábica.

Pelos dados informados por Aguilera (1998, p.110), seis informantes tinham idade entre 27-30 anos (4.60%); 46 tinham idade entre 31-40 anos (35.40%); 50, idade entre 41-50 (38.50%); 28, idade entre 51-62 anos (21.50%). Os mais velhos, 78 informantes com idade acima de 40 anos, totalizam 60% dos informantes.

Na perspectiva da variação linguística, segundo Rubio (2009), o fator idade permite inferências acerca do desenvolvimento diacrônico da língua a partir de análises sincrônicas. Pelo chamado tempo aparente (LABOV, [1972], 2008), é possível fazer uma projeção do comportamento linguístico de gerações diferentes de falantes num



determinado momento. A hipótese é de que a fala de pessoas com maior idade reflita a fala de alguns anos atrás, ao passo que a fala de pessoas de menor idade reflete a fala atual.

As discrepâncias entre as duas falas são atribuídas pela inovação linguística nos anos que separa os dois grupos. No caso dos informantes em questão, isso não parece acontecer, pois não houve muita mudança. Há certa preservação do rotacismo, principalmente do fonema /l/ em ataque complexo.

Isso pode ser atribuído ao meio em que vivem e a pouca escolaridade, já que, no quesito local onde residem, todos os informantes eram moradores da zona rural, agricultores, ou filhos de agricultores e/ou trabalhadores rurais, pois era um dos critérios de seleção dos informantes adotado por Aguilera (1998) para a realização da pesquisa geolinguística.

Diante disso, Rubio (2009) afirma que, sobretudo nas regiões rurais do Brasil, onde a língua possui a influência do grupo familiar com pouca interferência externa (contatos com outras populações, rádio, televisão), é natural que a fala seja mais “conservadora”, no sentido de ter preservado mais certas características do português dos tempos do Descobrimento.

Mesmo assim, o rotacismo é um fenômeno bastante estigmatizado, sendo interpretado como uma realização de falantes oriundos de estratos sociais inferiores, em termos culturais. Era já esse o ponto de vista que vigorava na década de 20 do século passado, quando Amaral (1976) enfocou em seus estudos o falar paulistano, conhecido como “o dialeto caipira”. O autor refere-se aos falantes, que realizam o rotacismo, como “povo rude”, uma vez que não seguiam os padrões da capital.

Considerações finais

Diante do que foi exposto, constatamos que a transformação fonema /l/ em /r/ nos encontros consonantais era comum no português antigo, utilizado inclusive pelo grande poeta Luís de Camões.



Naquela época, porém, o poeta não era recriminado. A fala dele não era tachada de caipira, como nos dias atuais, em que o fenômeno do rotacismo continua fluente, seja em ataque complexo, seja em coda silábica. As pessoas que falam [sor] no lugar de /sol/; [ekripse] no lugar de /eclipse/ estão usando uma variedade linguística estigmatizada, “uma variedade linguística de milhares de brasileiros falantes das variedades não padrão, da classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação formal e aos bens culturais da elite” (BAGNO, 1999).

Labov ([1972], 2008) afirma que a mudança linguística, advinda da variabilidade inerente a qualquer sistema linguístico, pode ser diretamente observada. Isto pode ser conseguido por meio de amostras da fala de uma comunidade, na qual se analisam as pressões estruturais e sociais que atuam no uso de determinada variável naquela comunidade. Assim, aceita-se que a língua é afetada por fatores sociais, como a etnia, a escolaridade e a faixa etária, porque a mudança linguística não ocorre no vácuo social.

Basta conhecer algumas localidades de cada região do país, no nosso caso, a região paranaense, para observar que o “Paraná é um mosaico vivo de dezenas de povos e culturas diversificadas, e até historicamente antagônicas, convivendo lado a lado, assimilando mutuamente, em menor ou menor escala, seus costumes e hábitos, inclusive e sobretudo os linguísticos” (AGUILERA, 1998, p. 99).

Com as análises apresentadas, observamos que o fenômeno do rotacismo em ataque complexo é um fenômeno regular e recorrente na fala dos paranaenses de forma mais acentuada do que o rotacismo em coda silábica. Os dados da análise mostram que as ocorrências para o rotacismo em ataque complexo [e'kripse] foram 30% a mais do que em coda silábica [‘sor]. Com relação aos aspectos sociais, os dados apontam a escolaridade e a localidade como fatores influentes, de acordo com nossos estudos.

Assim, formas linguísticas competidoras que constituem a variação são associadas com valores sociais do grupo de falantes que as usam e o progresso ou não em direção a uma mudança é associado com a adoção de valores de um grupo por membros de um outro (LABOV, [1972], 2008, p. 23).

Daí a razão de a maioria dos falantes urbanos escolarizados discriminarem, e considerarem erradas, as pronúncias como [e'kripse], ['pranta], ['broko], ['sor]; [pa 'per] feias, erradas e toscas. Essa avaliação, segundo Bagno (2007, p. 73), prende-se, essencialmente, ao fato de “essas pronúncias caracterizarem falantes socialmente desprestigiados (analfabetos, pobres, moradores da zona rural)”.

Desse modo, é necessário ter conhecimento de que a variação não é exclusiva dos falantes não escolarizados, de que o rotacismo tem explicação científica, ocorreu amplamente na história da língua portuguesa, e permanece na fala de determinadas comunidades.

Sendo assim, compactuamos da assertiva de Clare (2007, n.p.):

Nossa língua é rica em variedades. Mas o que importa é a constatação pura e simples de que a língua não parou com *Os Lusíadas* nem com a gramaticalização e o estabelecimento de uma norma culta. A deriva continua porque a língua é processo e seus resultados, sob o ponto de vista da Linguística Histórica, são tão válidos hoje quanto o foram outrora”.

Referências

- AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A Geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: EDUEL, 1998.
- _____. **Atlas lingüístico do Paraná – ALPR**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- _____. **Atlas lingüístico do Paraná – ALPR**. Apresentação. Londrina: Eduel, 1996.
- ALTINO, Fabiane Cristina. **Atlas lingüístico do Paraná – Volume II**. In: *Anais do II Encontro Científico do Curso de Letras – 2005*. Disponível em: <http://www.faccar.com.br/eventos/desletras/hist/2005_g/2005/textos/012.html>. Acesso em: 10 ago. 2015.
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: HUCITEC, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattosso. **Dicionário de Linguística e Gramática: referente à língua portuguesa**. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- _____. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.



CLARE, Nícia de Andrade Verdini. **As mudanças linguísticas: ontem / hoje.** Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno10-07.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

COSTA, Luciane Trennephol da. **Estudo do rotacismo:** variação entre as consoantes líquidas. Porto Alegre, 2006. 167 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COX, Maria Inês Pagliarini; ASSAD, Cáder Faisal. O ele e o erre só trazem 'compricação' – um estudo das representações de /l/ e /r/ na escrita de crianças em processo de alfabetização. In: **Revista de Educação Pública**, v. 8, n. 13, 1999.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luiz Filipe Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação lingüística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Preconceito linguístico:** o que é, como se faz. São Paulo: Editora Loyola, 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva: 2009.

LABOV, Willian. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Sociolinguistic patterns.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste:** Alagoas e Pernambuco. Curitiba: HD Livros, 1996.

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. A regência variável do verbo *ir* de movimento. In: SILVA, Giselle Machline de O.; SCHERRE, Maria Marta Pereira. (Orgs.) **Padrões sociolinguísticos:** análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca.** 2ª ed. completamente refundida. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1922].

RUBIO, Cassio Florêncio. O papel da variação diagenérica na concordância verbal da região noroeste do Estado de São Paulo. In: **Anais do SILEL.** Volume I. Uberlândia: EDUFU, 2009.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do português:** roteiro de estudos e guia de exercícios. 10.ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

Recebido Para Publicação em 26 de junho de 2018.

Aprovado Para Publicação em 20 de agosto de 2018.